

OS DESAFIOS E EMANCIPAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE EDGAR MORIN E BOAVENTURA

Maria Neuricilane Costa Gomes Camelo¹

Maria da Conceição Castro Duarte²

Resumo: O presente artigo objetiva fazer um possível diálogo entre os pensamentos de Edgar Morin em seu livro Educação e complexidade: os Sete Saberes e outros ensaios (EDGAR MORIN, 2002) e os de Boaventura em seu livro A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, 2004). Com o intuito de nos levar a conhecer e refletir as universidades ao longo dos anos, perpassando por seus saberes, impasses, crises e desafios. Os setes saberes apresentados por Morin, fazem parte de uma trilogia pedagógica, começada pela reforma do ensino secundário que levou o autor a refletir além deles, levantando discussões para o ensino superior, por meio de uma visão humanista das universidades e da necessidade de se pensar uma reforma de pensamentos. Já Santos nos mostra as crises pelas quais a universidade passou no século XX. Fará em seu texto algumas análises dos últimos dez anos que sucederam aos seus primeiros escritos a cerca da temática. Além de mostrar a luta pela defesa e dignificação da universidade pública.

Palavras-chave: Reforma Universitária. Conhecimento. Emancipação

Introdução

As idéias de repensar a contextualização universitária, a função social das universidades para articular a produção do conhecimento e sua aplicação na sociedade bem como, a interação desta sociedade no interior das universidades são as premissas que envolvem os livros: Educação e complexidade: os Sete Saberes e outros ensaios (EDGAR MORIN, 2002) e o livro: A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, 2004).

1. Formada em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e discente do curso de Pós-Graduação em Gestão e Docência na Educação Superior na mesma Universidade supracitada. E-mail: neuri-17@hotmail.com

2. Pedagoga pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Técnica Ambiental pelo Centro de Ensino Tecnológico – CENTEC e discente do curso de Pós-Graduação em Gestão e Docência na Educação Superior. Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. E-mail: ceicao_castro@hotmail.com

No ensaio *Educação e complexidade: os Sete Saberes e outros ensaios*, Morin enfatiza as discussões sobre a universidade com uma visão humanista, voltada para as transformações no interior das Universidades, ou seja, é uma reflexão que parte do interior para o exterior destas instituições, como por exemplo: a organização das disciplinas, reforma do pensamento, o papel da docência, a condição e compreensão humana diante da produção de conhecimento científico na universidade e o impacto desta produção na sociedade. Sabendo que a Universidade gera saberes e valores, sendo ao mesmo tempo conservadora, regeneradora e geradora, então ela introduz na sociedade seus conhecimentos e cultura, promovendo no mundo social valores intrínsecos à cultura universitária, e é esta relação que deve ser reavaliada de modo problemático e de forma plural.

Boaventura mostra que as mudanças nas universidades devem partir do seu exterior para o interior, “a universidade tem um papel crucial na construção do lugar do país num mundo polarizado entre globalizações contraditórias” (BOAVENTURA, 2004 p. 40) é uma luta contra-hegemônica da universidade como bem público. Este segundo autor desenvolve seu estudo tendo a sociedade e seus problemas como ponto de partida, assim é colocado uma defesa da democratização do bem público universitário.

Metodologia

O delineamento metodológico da pesquisa constituiu-se de uma investigação conduzida por um estudo exploratório de obras que abordam o assunto. Com isso, buscou-se uma síntese da temática num trabalho que tivesse o caráter e objetividade da riqueza de dados e que viesse a colaborar no entendimento da Emancipação e Reforma Universitária no século XXI.

Buscaram-se também, para a validação da pesquisa, métodos de caráter de curto, médio e longo prazo, a cerca de reflexões na Educação Superior. Respeitando sempre a resolução 196/ 96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Resultados e Discussão

Morin aponta para a necessidade da reforma do pensamento que não tenha a finalidade de suprimir as disciplinas, mas que as articule dando vitalidade e

fecundidade, de modo que ocorra a inter e transdisciplinaridade levando em conta tudo o que é contextual e relige as condições culturais e sociais em que as disciplinas sejam ao mesmo tempo abertas e fechadas.

Precisamos fazer reaparecer cada vez mais a unidade multidimensional da realidade antropossocial ao articular ciências que até hoje encontram-se separadas, como a História, a Sociologia, a Economia, a Psicologia, sem esquecer das ciências do imaginário e das crenças. (Educação e Complexidade: Os sete Saberes e outros ensaios, MORIN, 2002: Educação e complexidade: os Sete Saberes e outros ensaios).

Esta reforma do pensamento visa à integração da compartimentalização dos conhecimentos, que foram separados com o surgimento da ciência no início da Modernidade, o filósofo Descartes estreou uma ciência que dissociou o sujeito do objeto, dividindo metafísica da ciência, tornando-os conhecimentos distintos, segundo a sua teoria a ciência se faz completa na experimentação e observação assim permite que se chegue ao conhecimento objetivo.

Descarte não percebeu que as teorias não são um reflexo puro da realidade científica, mas coprodutos das estruturas do espírito humano e das condições socioculturais do conhecimento. Desta forma, a ciência é, segundo Morin, incapaz de prever se “o que sairá do seu desenvolvimento contemporâneo será o aniquilamento, a subjugação ou a emancipação”.

Diante desta dissociação do conhecimento surge o desafio de trabalhar com a incerteza e a religação dos conhecimentos o qual se desenvolve em todos os domínios técnicos e especializados de modo compartimentalizados. Morin propõe que ocorra a religação da aprendizagem por intermédio dos seguintes princípios: pelo circuito recursivo ou autoprodutivo; a dialógica; e, pelo hologramático. Desta forma, as universidades devem unir os saberes tornando-os multidimensional, desenvolvendo paradigmática que oriente e fundamente os discursos e teorias de forma que ligue o ser humano ao espírito.

Cada universidade deve ter um centro de investigação sobre problemas de complexidade e transdisciplinares, dedicados ao estudo das problemáticas complexas e transdisciplinares. Então, para Morin a necessidade social-cheve da reforma do pensamento é:

Formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de seu tempo. Com isso, tornar-se-ia possível frear o debilitamento da democracia que suscita, em todos os campos da política, a expansão da autoridade dos experts, de especialistas de toda ordem, que limitam progressivamente a competência dos cidadãos, condenados à aceitação ignorante daqueles que são considerados conhecedores, mas que de fato praticam uma compreensão que rompe com a contextualização e a globalidade dos problemas. O desenvolvimento de uma democracia cognitiva só se torna possível por meio de uma reorganização do saber na qual seriam ressuscitadas, de uma nova maneira, as noções trituradas pelo parcelamento disciplinar: o ser humano, a natureza, o cosmo e a própria realidade. (MORIN, 2002, : Educação e complexidade: os Sete Saberes e outros ensaios)

Com relação à democracia cognitiva, Morin acredita que é impossível democratizar um saber fechado e esoterizado por sua própria natureza, cada vez mais possível admitir uma reforma do pensamento que permita enfrentar o imenso desafio que encerrala com a seguinte alternativa: ou continua-se a aceitar o bombardeio de informações que chega através dos meios de comunicação ou passa-se a confiar nos sistemas de pensamento que retêm as informações daquilo que os confirma ou lhes desmente ou é incompreensível. Este problema também se coloca para o conhecimento científico em si mesmo.

O problema da educação e da pesquisa encontra-se reduzidos a termos meramente quantitativos, sendo que a qualidade deste ensino fica em segundo plano e desta forma merece ser repensado para superar os sete buracos negros enumerados por Morin e que constituem os entraves existentes nos sistemas de educação.

- 1) O conhecimento: Existe um grande problema no ensino que dificilmente é exemplificado o significado do conceito de conhecimento, e isto gera um problema na assimilação do saber. Todo conhecimento é tradução e reconstrução, assim, a percepção é uma tradução, mas as próprias palavras são igualmente, tradução de traduções e de reconstruções, discursos. É necessário ensinar que o conhecimento está propício a erros e assim mostrar quais são as suas raízes e causas.
- 2) O conhecimento pertinente: este é fundamentado numa atitude que consiste em contextualizar o saber e tentar situar as informações num contexto global e possível num contexto geográfico e histórico. Assim, um conhecimento não vai ser pertinente quando contém uma grande quantidade de informações.
- 3) A condição humana: É de grande relevância ensinar o que é a condição humana, o ensino não tem essa prática. As ciências humanas separam-se umas das outras,

sendo que a verdadeira complexidade humana só pode ser pensada na simultaneidade da unidade e da multiplicidade.

- 4) A compreensão humana: A compreensão visa entender o ser humano como um sujeito e o conhecemos enquanto sujeitos por meio de um esforço de empatia ou de projeção. O exercício do autoconhecimento é uma necessidade interna, este torna-se relevante se estivermos de acordo sobre a idéia de que o mundo encontra-se devastado pela incompreensão e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão.
- 5) A incerteza: O conhecimento deve ser trabalhado com a possibilidade da incerteza, desta forma devemos aprender a lidar com as incertezas, pois no mundo mecanicista o determinismo foi abalado e a ciência moderna tem que negociar com o incerto. Os seres humanos dispõem de dois instrumentos para lidar com o inesperado: o primeiro é a consciência do risco e do acaso. O segundo é a estratégia e isso implica ser capaz de modificar o comportamento em função das informações e dos conhecimentos novos que o desenvolvimento da ação pode propiciar.
- 6) A era planetária: Também denominada de “tempos modernos”, onde ocorreu a mundialização e esta é apenas uma etapa tecnocêntrica de um fenômeno antigo. Ocorreram dois fenômenos de mundialização: 1º por meio da dominação e do conhecimento e ainda hoje pela exploração econômica; 2º se inicia principalmente com Bartolomeu de Las Casas, por ocasião da Contravérsia de Valladolid este monge espanhol propagou que os indígenas são seres humanos e que possuem uma alma. Diante disso, o desafio é não cultivarmos uma visão mutilada e abstrata do mundo, para não torná-lo apenas um constituinte instrumental tecnicista, devemos nos confrontar com o estilo planetário.
- 7) A antropológica: Esta representa a ética em escala humana. A ética quando se volta para indivíduo/sociedade ela conduz a ideia de democracia, ou seja, ao sistema no qual os controlados controlam seus controladores. A ética quando visa indivíduo/espécie ela identifica um gênero humano, possibilitando civilizar a Terra. E esta ética tem por objetivo a cidadania terrestre, o desafio é fazer com que as pessoas tomem consciência desta, para que possam iniciar uma reforma na maneira de pensar o mundo.

A reforma do ensino requer um pensamento que religue, sendo um pensamento complexo que problematiza o conhecimento buscando respostas multidimensionais sem excluir as formas de conhecimento existentes no mundo. O pensamento deve antes de tudo ser reformado, os seres humanos devem refletir, pois não se pode reformar o sistema de educação sem ter reformado os espíritos, bem como, não se pode reformar os espíritos sem ter reformado a educação.

Boaventura mostra a realidade de uma crise que está em íntima relação com o estado, aqui o objeto de estudo é o sistema institucional, isto é, a dependência da produção científica e pedagógica a qual fica a mercê dos financiamentos do Estado. Mas, enquanto as universidades dependiam do asseguramento financeiro do Estado isto não significou uma problemática, no entanto, quando o Estado reduziu o seu compromisso político com a educação, a universidade pública entrou automaticamente em crise institucional, esta perda representou uma queda e perda geral nas prioridades das políticas sociais.

Esta crise é causada pelo novo sistema econômico, o neoliberalismo ou globalização neoliberal que se impôs internacionalmente a partir da década de 1980 e surgiu em uma dimensão internacional. Este cenário refletiu nas universidades públicas onde as debilidades institucionais identificadas foram declaradas insuperáveis e servindo de justificativa para a abertura generalizada do bem público universitário à exploração comercial. Os dois processos marcantes deste período foram: o desinvestimento do Estado na universidade pública e a globalização mercantil da universidade, estes pilares conduziram um projeto global de política universitária e comporta diferentes níveis de mercadorização da universidade. O primeiro consiste em induzir as universidades a fazerem parcerias com o capital, onde ela para ultrapassar a crise financeira tem que gerar receitas próprias, privatizando parte de seus serviços. O segundo nível é onde se elimina a distinção entre universidade pública e universidade privada, transformando a universidade em uma empresa que não produz apenas para o mercado, mas que se produz a si mesma como mercado de gestão universitária, de planos de estudo, certificação, formação de docentes, avaliação de docentes e estudantes. Quanto a este quadro Boaventura afirma que:

Penso que na última década se começaram a alterar significativamente as relações entre conhecimento e sociedade e as alterações prometem ser profundas ao ponto de transformarem as concepções que temos de conhecimento e de sociedade. Como disse, a comercialização do

conhecimento científico é o lado mais visível dessas alterações. Penso, no entanto, que apesar da sua vastidão, elas são a ponta do iceberg e que as transformações em curso são de sentido contraditório e as implicações são múltiplas, inclusive de natureza epistemológica. (BOAVENTURA, 2004 p.28, Universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade).

Diante de todas essas problemáticas expostas, Boaventura delinea algumas formas de superação e emancipação das universidades, onde ele salienta que a ideia não é isolar as universidades públicas das pressões da globalização neoliberal e que “a universidade tem um papel crucial na construção do lugar e do país num mundo polarizado entre globalizações contraditórias” (BOAVENTURA, 2004 p.40). Vejamos:

- 1) Enfrentar o novo com o novo: promover alternativas de pesquisa, formação, extensão e organização que apontem para a democratização do bem público universitário, isto é, para o contributo específico da universidade na definição e solução coletivas dos problemas sociais, nacionais e globais.
- 2) Lutar pela definição da crise: deve-se defender a crise hegemonicamente, com autonomia de modo que a sociedade se reveja nela. Esta perda justifica a nível profundo a dominância de posições defensivas. É crucial definir e sustentar uma definição contra-hegemônica da crise e estas reformas deve partir da constatação da perda de hegemonia e concentrar-se na questão da legitimidade.
- 3) Lutar pela definição de universidade: No mundo atual algumas universidades se passam por universidades sem ser, e este é um grande problema. Isto ocorreu devido a acumulação indiscriminada de funções atribuídas a universidade no século XX. E, temos que ter como princípio que no século XXI só pode haver universidade quando ocorrer formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. A definição do que é universidade deve ser esclarecida para que a sociedade não seja vítima de práticas de consumo fraudulento.
- 4) Reconquistar a legitimidade: para definir e legitimar a reforma da universidade deve-se centrar em cinco áreas de ação: acesso; extensão; pesquisa-ação; ecologia de saberes; universidade e escola pública. As duas primeiras devem ser revistas, a terceira deve ser um objeto de responsabilidade social por parte das universidades, a quarta é uma inovação na construção de uma universidade pós-colonial, por ultimo, a quinta é uma área de ação que deve ser totalmente reinventada.

5) Criar uma nova institucionalidade: esta reforma institucional deverá fortalecer a legitimidade da universidade pública num contexto da globalização neoliberal da educação fortalecendo assim a possibilidade de uma globalização alternativa.

6) Regular o setor privado: os princípios que norteiam a reforma da universidade devem ser complementados decisões políticas, como: regulação do ensino superior privado, sabendo que a universidade é um bem público

Outro fator importante se refere à promoção das universidades de modelos de ensino voltados para cada grupo docente, valorizando suas competências específicas, permitindo e ampliando um retorno social das universidades. Para Edgar Morin este requisito também é importante qualquer reforma da educação deverá começar pela reforma dos educadores. Mas é neste ponto que os autores se distanciam um pouco, pois para Boaventura mesmo que seja relevante a formação do corpo docente a tarefa primordial para esta reforma compete ao estado, onde ele deverá formentar à universidade pública, propiciando uma educação qualitativa por meio de uma relação de fiscalização e regulação. Assim, a reforma da universidade está na mesma direção da reforma do Estado, a ideia não deve ser negar o Estado e a ciência e suas ramificações, mas enfrentar o novo com o novo.

Referências

SANTOS, Boaventura dos Santos. Universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade, Ed.Cortez, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadeseccXXI.pdf>

MORIN, Edgar. Os sete Saberes e Outros Ensaio, (orgs. Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho), São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/39288866/Educao-e-Complexidade-E-Morin>